

UM INTELLECTUAL NO PRINCIPADO ROMANO (SÉC. I D.C.): UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE PLUTARCO DE QUERONEIA PELA PERSPECTIVA DO PAPEL DOS INTELLECTUAIS

AN INTELLECTUAL IN THE ROMAN PRINCIPALITY (1st CENTURY AD): AN ANALYSIS OF THE TRAJECTORY OF PLUTARCH OF KERONEA FROM THE PERSPECTIVE OF THE ROLE OF INTELLECTUALS

FRANCISCO ROCHA SILVA

Possui graduação em História (2018) pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. É mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da mesma instituição. Atua como professor de História, Sociologia e Filosofia da Educação Básica. Pesquisador no projeto "Representações político-culturais na Antiguidade: estudos de caso sobre as relações de poder e redes de sociabilidade", coordenado pela professora doutora Helena Amália Papa. Foi secretário da ANPUH-MG (gestão 2016-2018). Educador e comunicador desenvolvendo iniciativas de comunicação como o "Tempus: Combates pela História" (Podcast). Pesquisador com ênfase nas seguintes áreas de interesse: História Política, História Antiga, História dos Intelectuais, Culturas Políticas. Escreve e tem interesse nas discussões historiográficas relacionadas à Alexandre III da Macedônia e Plutarco de Queroneia.

RESUMO

Este artigo propõe uma análise sobre a atuação política do autor grego Plutarco de Queroneia que viveu sob a égide do governo Romano (séc. I d.C.). Entendemos Plutarco como um homem do universo político por trazer em seus escritos um vasto arcabouço de representações de líderes ideais para o seu tempo. Em nossa interpretação, Plutarco exercia uma relativa autonomia frente à ordem vigente do mundo social a qual estava inserido e por isso seu papel extrapola a dimensão de um intermediador cultural, se apresentando como um poderoso porta-voz de anseios políticos. Baseados nessa hipótese é que pretendemos vislumbrar a capacidade de influência e articulação do personagem no campo político de sua época a partir da operacionalização do conceito clássico de Intelectuais contido em Norberto Bobbio. Neste artigo ressaltamos que daremos enfoque para o conjunto de biografias escritas pelo autor boécio, conhecidas como Vidas Paralelas, em específico a fonte de nossa pesquisa, a obra: *Vida de Alexandre*. A justificativa de seleção documental reside no fato de que em nossa concepção Plutarco utilizou-se da figura de Alexandre para propor um modelo de "líder ideal" para a conjuntura política de sua época, a saber, o Principado Romano.

Palavras-chave: Principado; Intelectual; Plutarco.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the political action of the Greek author Plutarch of Chaeronea who lived under the aegis of the Roman government (1st century AD). We understand Plutarch as a man of the political universe for bringing in his writings a vast framework of representations of ideal leaders for his time. In our interpretation, Plutarch exercised a relative autonomy in the face of the prevailing order of the social world in which he was inserted and therefore his role extrapolates the dimension of a cultural intermediary, presenting himself as a powerful spokesperson for political aspirations. Based on this hypothesis, we intend to glimpse the character's capacity for influence and articulation in the political field of his time from the operationalization of the classic concept of Intellectuals contained in Norberto Bobbio. In this article we emphasize that we will focus on the set of biographies written by the Boeotian author, known as *Parallel Lives*, specifically the source of our research, the work: *Life of Alexander*. The justification for the selection of documents resides in the fact that, in our view, Plutarch used the figure of Alexander to propose a model of "ideal leader" for the political conjuncture of his time, namely, the Roman Principality.

Keywords: Principality; Intellectual; Plutarch.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 A EXPERIÊNCIA COM AS LEITURAS E UM BREVE BALANÇO ACERCA DO CONCEITO; 2 VIDA DE PLUTARCO; 3 UM INTELLECTUAL NO PRINCIPADO ROMANO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é lançar mão de algumas considerações acerca dos agentes históricos que a contemporaneidade convencionou chamar de “Intelectuais” no contexto da Antiguidade Clássica. Tal discussão, que se apresenta com um caráter inovador e problemático, tem ganhado cada vez mais adeptos e interessados na área. Uma variedade de Antiquistas brasileiros já deu suas contribuições sobre o assunto, como no caso da importante produção bibliográfica *Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga* (2010), fruto dos trabalhos de pesquisa dos historiadores Fabio Duarte Joly, Sonia Regina Rebel de Araújo e Cláudia Beltrão da Rosa. Essa obra é importante, pois demarca no cenário nacional o seu lugar na discussão sobre intelectuais na Antiguidade, oferecendo uma visão consciente da raiz contemporânea do termo, mas o que, em contrapartida, não se configura como um empecilho em sua utilização em outros períodos da história.

No caso dos escritores, cujas obras compõem o que hoje se considera uma “tradição clássica”, o conceito de “intelectuais” revela-se particularmente interessante por ser mais abrangente que os rótulos de poeta, filósofo, historiador e orador, tradicionalmente aplicados a esses escritores. Essa tendência a compartimentar a atividade intelectual, a colocar fronteiras entre as esferas do conhecimento, é muito mais um fenômeno contemporâneo do que propriamente uma característica do pensamento antigo (ARAÚJO; ROSA; JOLY, 2010, p. 14).

Os cuidados com o tratamento conceitual não são exclusividade dos pesquisadores que se dedicam aos estudos da Antiguidade; porém, nesse caso, sabemos o quão difícil é lidar com termos cuja raiz de suas fundações se encontra predominantemente no período contemporâneo. É precisamente por essa razão que o zelo pela discussão conceitual deve ser sempre revigorado. A antiquista Helena Amália Papa, em suas análises, ressalta as circunspeções que permeiam o trabalho de historiadores da Antiguidade que ousam apropriar de terminologias dadas na contemporaneidade

e alerta para a necessidade de ponderação, para não incorrer em riscos de anacronismos. A autora ressalta a necessidade por parte dos historiadores de se esforçarem para compreender que certos conceitos que possuímos na atualidade eram representados de maneiras diferentes para os romanos (PAPA, 2014).

Cientes dos desafios que cercam as discussões sobre a temática ressaltamos a nossa proposta de colaborar para o enriquecimento da discussão acerca do conceito e suas possibilidades de operacionalização, auxiliando historiadores da minha geração interessados em realizar uma pesquisa a partir desse enfoque. Longe de qualquer pretensão de esgotar o debate, reafirmamos nosso compromisso de contribuição e busca para obter bases mais sólidas para a aplicabilidade do conceito de intelectuais na Antiguidade.

É partindo desta proposta de trabalho que situamos neste debate o personagem a qual centralizamos nossos esforços de análise, a saber: Plutarco de Queroneia, sua vida e parte de sua obra, fonte de nossa pesquisa. A trajetória pessoal deste personagem se apresenta como uma bússola norteadora de nossa investigação. Buscamos neste trabalho empreender nossas análises sobre a atuação do autor grego no Principado Romano (séc. I d.C.), pois, em nossa concepção, Plutarco exercia uma relativa autonomia frente à ordem vigente do mundo social a qual estava inserido e por isso seu papel extrapola a dimensão de um intermediador cultural, apresentando-se como um poderoso porta-voz de anseios políticos. Baseados nessa hipótese é que pretendemos vislumbrar, através deste texto, a capacidade de influência e articulação do personagem no campo político de sua época, por meio da elaboração de seus escritos, suas redes de sociabilidade¹ e a capacidade de articulação política que ele inspirou dentro da conjuntura política do Principado. Devido à vasta obra de Plutarco, daremos enfoque para o compilado de biografias, escritas pelo querônês, conhecidas como *Vidas Paralelas*, em específico a fonte de nossa pesquisa: a obra *Vida de Alexandre*.

¹ Entendemos por rede de sociabilidade o alcance que determinada personagem obtém a partir de suas relações sociais, nas quais, para nós, estão inseridas as possíveis relações existentes no período (religiosa, política, militar, econômica, administrativa, dentre outras). Sobre o assunto ver: PAPA, Amália Helena. **A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua visão condenatória aos Eunomianos (360-394 D.C.)**. 2014. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2014.

1 A EXPERIÊNCIA COM AS LEITURAS E UM BREVE BALANÇO ACERCA DO CONCEITO

Demarcaremos aqui neste texto um espaço a fim de apresentar a experiência que obtive ao estabelecer contato com as leituras do tema no transcorrer do curso na pós-graduação.

Ao estudar o conceito na disciplina “Tópicos em Poder, Trabalho e Identidades”, do curso de Mestrado em História Social da *Unimontes*, saltaram-me aos olhos os desafios que permeiam o uso do conceito de intelectuais. Sobretudo pelo fato de que o professor ministrante da disciplina, o Doutor Laurindo Mekie Pereira, vislumbra em suas discussões acadêmicas a desafiadora proposição de se utilizar o conceito em seus objetos de pesquisa, apresentando-se como uma referência local nas discussões sobre o tema.

Tendo em vista que, o nosso objetivo é encontrar em Plutarco traços que nos permitam demonstrá-lo como um intelectual, perguntas objetivas surgem no horizonte: quem é que pode ser chamado de intelectual? O que torna determinado indivíduo ou grupo de indivíduos “intelectuais”? A busca por tais respostas nos leva a realizar uma breve análise acerca do conceito com a intenção de demonstrarmos sob quais influências de perspectivas estamos categorizando Plutarco.

Para o autor Jean- François Sirinelli (2009), os estudos acerca dos intelectuais devem sempre ter como elemento norteador a definição alargada na qual os intelectuais são percebidos como criadores e mediadores culturais que desempenharam papel de relevância na vida social de determinada comunidade. Partindo desta premissa caberia aos investigadores da história dos intelectuais buscarem compreender o grau de participação destes agentes no processo de construção de ideias e seu nível de articulação no jogo político de um determinado período.

Tomando como base as reflexões clássicas do autor italiano Norberto Bobbio, a categoria “intelectual” teria surgido no mundo contemporâneo, mais precisamente no final do século XIX, tendo a França como palco de seu exórdio, sendo difundida e discutida posteriormente no restante do mundo (BOBBIO, 1997, p. 11). Mesmo com a definição temporal delimitada, o autor não hesita em afirmar que os intelectuais sempre existiram, pois em todo e qualquer tipo de sociedade também existiu, para além do poder econômico e do poder político, o chamado “poder ideológico” que seria

a capacidade que determinado grupo possuía de transmitir ideias, símbolos, valores e visões de mundo, por intermédio do exercício das palavras (BOBBIO, 1997, p. 11).

Em virtude de nossa cautela em lançar mão de categorias evitando uma abordagem estanque e arbitrária, optamos por adotar a conceituação proposta por Bobbio de que um intelectual é aquele que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho não são máquinas, mas ideias (BOBBIO, 1997, p. 68). Embora seja clara, essa definição ainda é muito ampla, pois auxilia mais no processo de exclusão da categoria aqueles que não são intelectuais do que propriamente na definição daqueles que o são. No transcorrer de sua exposição, Bobbio vai apresentando delimitações que irão desaguar em um afunilamento para se visualizar com maior nitidez aqueles que podem ser chamados de intelectuais.

As delimitações propostas pelo autor elucidam o caráter normativo de sua abordagem, ou seja, o texto de Bobbio nos apresenta uma ideia daquilo que o intelectual “deve fazer” e de como “deve agir”; é nessa instância que se configura a circunscrição de que a intervenção do intelectual deve sempre ocorrer no debate político, ou seja, o mesmo deve manejar símbolos, signos, ideias como dito anteriormente, mas com uma condição essencial, tudo isso deve se passar estritamente no campo político.

É nesta senda aberta por Bobbio que se manifesta nosso pressuposto de que Plutarco seria um Intelectual dentro de seu contexto. Foi sobre personalidades políticas que o autor ganhou notória relevância no mundo antigo e, conseqüentemente, na contemporaneidade. A apresentação das vidas contidas no conjunto das biografias plutarquianas tinha o intuito de propor um “*princeps* ideal” cujo modelo servia como recomendação que poderia ser seguida pelas lideranças da época de Plutarco e da posteridade.

Aqui destacamos, para fins de sustentação de nossa hipótese, que a possibilidade de reconhecimento de tais atores sociais ocupados com o discurso do poder ideológico corrobora para visualizarmos através deles o papel de construtores de projetos políticos que circundam os espaços sociais e as conjunturas políticas nas quais atuaram.

Além disso, reforçamos nossa argumentação com as análises dos historiadores supracitados Fabio Duarte Joly, Sonia Regina Rebel de Araújo e Cláudia Beltrão da Rosa (2010). Esses autores apontam que o papel dos escritores do mundo antigo transitava também entre exercícios de cargos militares e políticos além de prováveis atribuições administrativas. Plutarco se enquadra exatamente

nessa perspectiva que, apesar de seu exercício em funções desses tipos, teve destaque no campo da política, já que, por intermédio de seus escritos, o queronês apresentou aos governantes da época modelos éticos (ARAÚJO; ROSA; JOLY, 2010).

Por meio dos autores mencionados, somados à compreensão de Intelectuais contida em Bobbio – como aqueles que manejam símbolos e ideias no campo político –, manifesta-se nosso pressuposto de que Plutarco seria um intelectual dentro de seu contexto.

Que esses sujeitos históricos sejam prevalentemente chamados de “intelectuais” apenas há cerca de um século, não deve obscurecer o fato de que sempre existiram os temas que são postos em discussão quando se discute o problema dos intelectuais, quer esses sujeitos tenham sido chamados, segundo os tempos e as sociedades, de sábios, sapientes, doutos, *philosophes*, *clercs*, *hommes de lettres*, literatos etc. (BOBBIO, 1997, p. 110-111).

Contudo, na análise de Bobbio, os intelectuais possuiriam relevância para discussão do tema fundamental da relação entre política e cultura e estariam divididos em dois segmentos distintos, os ideólogos e os expertos. Os ideólogos seriam aqueles responsáveis por elaborar os princípios, ideias e valores, o que autor chama de “princípios-guia”; os expertos, por sua vez, são aqueles que executam a ação a partir dos preceitos formulados pelos ideólogos:

De fato, aquilo que se distingue um do outro é precisamente a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes, é a diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político (BOBBIO, 1997, p. 72).

Nesse sentido, interpretamos Plutarco como um intelectual do tipo ideólogo, capaz de propor por intermédio de seus discursos, ações políticas para a execução dos homens de poder.

Acreditamos que o autor, através das vidas de grandes personalidades políticas do mundo grego e romano, propunha quadros de governantes ideais que pudessem servir de esteio para as lideranças da época em Roma.

Na perspectiva de Souza e Tavares (2017), as análises das produções dos ditos intelectuais da antiguidade corroboram para entendermos o documento como um veículo de disseminação de valores e ideias que, em seu cerne, constituem-se a partir de representações políticas e de propostas que objetivavam, muitas vezes de forma implícita, estabelecer consensos e dissensos no imaginário político onde foram produzidos.

Na atualidade é perceptível a usualidade recorrente com que o conceito de intelectuais aparece. E, embora seja um conceito forjado na contemporaneidade, como já ressaltado aqui neste texto, isso não impede a possibilidade do uso do mesmo em outros períodos da historiografia. A ampliação das suas áreas de aplicabilidade veio atrelada a uma possibilidade de renovação das discussões acerca dos papéis que os intelectuais exerceriam em seus respectivos contextos históricos, sobretudo ao que concerne à extrema relevância daquilo que foi produzido por esses homens no âmbito da política; no caso de nossa investigação situamos as produções bibliográficas no universo da política na Antiguidade.

Na perspectiva da historiadora Dominique Monge Rodrigues Souza e do também historiador André Luiz Cruz Tavares, as análises das produções destes ditos intelectuais antigos corroboram para alçarmos uma visão de suas atuações que certamente transpunham uma mera visualização de seus conteúdos. Ou seja, trata-se de um olhar para o documento entendendo-o como um veículo de disseminação de valores e ideias que, em seu cerne, constitui-se a partir de representações políticas e de propostas que objetivavam, muitas vezes de forma implícita, o estabelecimento de consensos e dissensos no imaginário político onde foram produzidos (SOUZA; TAVARES, 2017).

Ao que concerne o contexto específico de nossa abordagem, os autores supracitados afirmam que,

no caso romano antigo, muitos desses intelectuais recorreram à elaboração de verdadeiras genealogias políticas (quase sempre, historicamente idealizadas) e à designação de certos elementos, grupos sociais e/ou instituições políticas como responsáveis pelo estabelecimento da ordem e da prosperidade econômica e social de Roma (SOUZA; TAVARES, 2017, p. 9).

Sobre o contexto histórico ao qual Plutarco está situado, a conjuntura política em questão, damos enfoque para o fato de que o Principado Romano ainda era um modelo de governo muito recente, cujas bases rumavam para uma solidificação, sendo que este era alvo de diversas críticas e reflexões. Como é o caso dos conflitos entre correntes literárias do período, uma delas a qual Plutarco fazia parte. Com o auxílio da historiadora Maria Aparecida Silva, situamos a obra plutarqueana dentro do chamado movimento da “*segunda sofística*”, um período compreendido pela historiografia entre os anos 50 e 250 d.C. Esse movimento teria como principal característica uma aglutinação de literaturas gregas de caráter muito próximo, que teria como elementos constitutivos a construção de um passado embasado na narrativa heroica de Homero e nos autores

da história clássica grega. De modo geral, os primeiros estudiosos da *segunda sofística* nos apresentam a divisão de seus partícipes como: aqueles que eram favoráveis ou contrários à política imperial. Sob a perspectiva dessa ótica, Jones nos revela que a característica principal da *segunda sofística* é a formação de um grupo de intelectuais gregos, o qual Plutarco integra, que convive com a elite romana e é agente partícipe dos quadros administrativos do Império (JONES, 1971, apud SILVA, 2008, p. 5).

Por outro lado, essa corrente literária não flutuava sozinha naquele contexto, Plutarco e demais autores da segunda sofística tinham como seus principais interlocutores os membros de uma corrente literária chamada de crítica cínico-estoica. Essa corrente fora responsável por difundir os contraexemplos de Alexandre com maior ênfase e de forma caricatural. Esses opositores da imagem do rei macedônio adotavam tais práticas em seus discursos porque se voltavam contra a ideia do Principado e por isso utilizavam-se da imagem de Alexandre para propagar o que na visão desta corrente havia de negativo em relação à ideia de império contida ali.

É vislumbrando desconstruir os modelos que serviriam para justificação ideológica do império que esse grupo almejava ascender sua crença num possível retorno à República Romana (LIPAROTTI, 2017). Em que pese essas disputas de correntes no bojo do Principado Romano, ressaltamos a possibilidade de haver projetos políticos concorrentes que eram apresentados através desses discursos literários. A imagem de Alexandre, tão cara para Plutarco, passa a ser alvo de censura por grupos opositores ao projeto do Império.

Adicionamos aqui que em nossa interpretação as narrativas de Plutarco tinham o claro objetivo de, além de se fazer notar a cultura dos helenos, apresentarem não um projeto de superioridade, mas uma ideia de equidade que dialogava com as necessidades e anseios políticos da época. Apresentar Alexandre como modelo de rei ideal, repleto de características que o aproximavam dos imperadores da dinastia Julio-claudiana, é parte constitutiva de elaboração de um projeto político que o autor acreditava ser o melhor para Roma naquele momento.

2 VIDA DE PLUTARCO

Plutarco era neto de um homem chamado Lâmprias, filho de Autóbolus e irmão de Timon e Lâmprias, membros da nobreza beócia. Quando completou 20 anos, em torno de 60 a.C., foi para a cidade de Atenas com a intenção de aprender os fundamentos da Retórica, da Física, da Matemática, da Medicina, das Ciências Naturais, da Filosofia e das Literaturas grega e latina, o que era muito comum para os filhos das elites da sociedade na época. Sobre o assunto destacamos o berço a qual Plutarco era proveniente: o autor advinha de uma família da elite, o que lhe rendeu plenas condições de estudar fora de sua cidade, um privilégio que na época estava resguardado somente para membros de um seletto grupo social.

Foi durante sua estadia na cidade Ática que Plutarco conheceu Amônio de Lampra, cujo saber apurado a respeito da Filosofia platônica despertou a curiosidade de Plutarco. Das lições de seu mestre egípcio, Plutarco trará em seus escritos a influência de seus ensinamentos (ZIEGLER, 2009, p. 26).

Consonante à pesquisa de Natália Frazão José (2011), o mestre de Plutarco era reconhecido em Atenas como um discípulo ardoroso do trabalho de Platão. É sob sua influência que o jovem grego despertou interesse pelos ensinamentos platônicos, apesar de ter estudado os fundamentos dos saberes mencionados anteriormente. Sobre o assunto, o historiador Pedro Paulo Funari aponta que a passagem de Plutarco por Atenas foi extremamente proveitosa e importante no que diz respeito à formação do mesmo como um intelectual naquela sociedade, pois, durante o período em que lá permaneceu, o jovem beociano foi aclamado com a cidadania ateniense, símbolo que lhe conferiu grande prestígio (FUNARI, 2007, p. 131). Ao que pese as análises deste historiador acerca da vida de Plutarco, adicionamos ainda que acreditamos que tal prestígio, a qual Plutarco foi angariando ao longo de sua carreira, foi responsável por ajudá-lo a construir seu capital simbólico², que posteriormente o daria condições para desfrutar de uma audiência elitizada e influente que o daria atenção ao se mostrar receptiva em relação aos seus relatos.

² Aqui o pensamento do autor está consoante a: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Ao término dos seus estudos em Atenas, Plutarco, visando o enriquecimento de seus conhecimentos, viajou pela Grécia, Sicília, Ásia Menor e Alexandria. Em 68 d.C., retornou à sua terra natal onde se casou com Timossena, tendo cinco filhos, sendo que três faleceram ainda novos. Escreveu suas obras, assumiu cargos políticos e, por diversas vezes, visitou Roma. Em meio a tantas atividades, dedicou-se por vinte anos ao sacerdócio na cidade grega de Delfos³ (JOSÉ, 2011, p. 83).

O exercício do sacerdócio em Delfos nos reforça o quanto Plutarco fora influente na sociedade de seu tempo, sua figura conseguiu circular por meio de lugares sociais de destaque para a época em virtude do já ressaltado neste texto acúmulo de capital simbólico, que o permitia ter força no campo social. Estes elementos, política e religião, estavam intrinsecamente conectados naquela época; o cargo de sacerdote era também uma função de ordem política. Aqui ressaltamos mais uma vez as condições as quais tornaram Plutarco um indivíduo aceito positivamente (socialmente falando), o que o permitia ser ouvido/lido naquela sociedade. Seu discurso ganhava força através de suas relatorias, pois não advinha de qualquer pessoa, mas sim de um importante membro da elite local. Como já mencionado anteriormente por nós, a origem nobre de sua família também nos corrobora a compreender a sua trajetória e as oportunidades que teve de sempre ocupar cargos de relevância. Além disso, o próprio Plutarco ressaltava seu gosto por amizades influentes, como podemos notar através da citação a seguir:

Como pertencia à aristocracia local pelo nascimento, Plutarco participava de viagens, festivais e obrigações oficiais, tornando-se conhecido e mantendo amizade com muitos romanos ilustres que visitavam a Grécia. Muitos desses romanos eram homens novos e ocupavam cargos importantes em Roma, como Mestrius Florus, amigo do Imperador Vespasiano, e que concedeu a Plutarco a cidadania Romana. Segundo Plutarco, era importante ter amigos romanos “das altas esferas do poder” posto que os romanos se preocupavam com os interesses políticos de seus amigos (ZIEGLER, 2009, p. 51).

Posteriormente, já atuando em cargos político-administrativos, Plutarco continuou a participar das obrigações relativas ao oráculo de Delfos, tornando-se um dos dois sacerdotes permanentes do templo, o que mais uma vez nos reforça esse presente atrelamento entre a religião e a política nessa época da história. Utilizando suas influências políticas em Roma, Plutarco

³ Essa cidade localizava-se nas encostas do monte Parnaso. O santuário comportava, além dos edifícios religiosos, um ginásio, um estádio e um teatro com capacidade em torno de cinco mil espectadores.

promoveu um período de prosperidade ao oráculo de Delfos, sendo erguidas no local muitas construções entre os governos de Trajano e Adriano (ZIEGLER, 2009, p. 50). No primeiro século d.C., o autor beócio aproveitou oportunidades para proferir palestras aos nobres romanos, o que foi determinante para alavancar sua carreira. Foi essa notória influência que o aproximou de romanos politicamente importantes como Mestrio Floro. Este personagem romano foi preponderante na trajetória de Plutarco, pois, nas palavras de José (2011, p. 83), o fato de ser um contundente incentivador da cultura romana muito influenciou o nosso autor. Este fora o responsável pela concessão da cidadania romana a Plutarco que, em homenagem ao seu amigo, adotou o nome de Mestrio Plutarco. Devido ao desconhecimento acerca do período em que Mestrio Floro foi Cônsul, é impossível sabermos qual teria sido o imperador responsável por conceder o título de cidadão romano a Plutarco (ZIEGLER, 2009, p. 27).

Plutarco, portanto, pode ter exercido importantes cargos administrativos em Roma, o que se constata pela concessão de títulos como a *ornamenta consularia* (destinado àqueles que não pertenciam ao corpo do Senado) e o de procurador honorário da Grécia, fornecidos pelos imperadores Trajano e Adriano, respectivamente. Entretanto, José (2011) questiona se ele realmente exerceu tais funções, pois isso escapa de nossos conhecimentos, não sendo possível precisa afirmação sobre tais eventos.

Por meio dessa breve explanação acerca da trajetória do autor, podemos inferir que uma das principais marcas de sua vida é justamente esse espírito itinerante, ponto que o ajudou a construir sua carreira e imagem de intelectual no império.

Fora esse aspecto que também em muito contribuiu para um profundo conhecimento da sociedade romana na qual estava inserido, deixando como legado suas diversas obras sobre moral, política e religião. Tal característica flutuante, por assim dizer, do autor grego possibilita-nos a compreensão de diversos aspectos de suas obras, principalmente as intituladas “*Vidas Paralelas*”, em que o escritor utiliza tanto seus conhecimentos e fontes da sociedade grega quanto da sociedade romana para relatar a vida de personagens ilustres em ambas (JOSÉ, 2011, p. 85).

Dentre o legado das canônicas obras plutarqueanas, *Vidas Paralelas* configura uma extensa coletânea de relatorias de vidas, nas quais o autor beócio compara personalidades gregas e romanas, cada qual com sua relevância dentro de sua sociedade. Além das *Vidas Paralelas*, Plutarco deixou de legado seu famoso manual *Obras morais e de costumes*, que consistem em tratados filosóficos

que versam, entre outros assuntos, sobre política, moral, história e aspectos da natureza humana. O título *Moralia ou Obras Morais e de Costumes*, como é nomeado o conjunto dos tratados plutarqueanos, foi cunhado somente no início do século XIII por Maximo Planudes, quando o monge bizantino dividiu os escritos filosóficos, religiosos e de costumes das biografias dos homens ilustres, retirando os textos incertos (ZIEGLER 2009, p. 29). José nos informa que os estudos de Plutarco perpassavam desde os assuntos citados acima – filosofia, moral, ética – até discussões sobre casamento, política e religião. Esses tratados seriam basicamente as visões de Plutarco sobre tais assuntos, além de ensinamentos de conduta, virtudes e sobre a educação das crianças (JOSÉ, 2011, p. 54).

Alcançando as considerações de Simon Swain (1999) inferimos que o período de maior produção de Plutarco teria sido o equivalente ao exercício da sua função de sacerdote em Delfos, mais ou menos a partir de seus cinquenta anos de idade. Também na referida época conforme o mesmo autor, os seus escritos teriam adquirido maior repercussão nas sociedades grega e romana. Além disso, tal autor considera que os escritos plutarqueanos teriam alcançado por volta de trezentos textos, criados separadamente, porém apresentando, na maioria das vezes, caráter moralizante e educador.

3 UM INTELLECTUAL NO PRINCIPADO ROMANO

Em nossa concepção é em torno da *Vida de Alexandre* que se concentra uma significativa proposta de líder ideal, capaz de influenciar as gerações de governantes romanos de sua época. Isso justifica a nossa recorrente menção a essa obra e conseqüentemente à figura de Alexandre como modelo de *princeps* ideal. Ao que concerne à execução dessa obra, teria ocorrido provavelmente no final da carreira de Plutarco. O livro *Vidas Paralelas* se trata de um conjunto de cinquenta vidas apresentadas de forma comparativa, de diversas personalidades históricas que tiveram papel de destaque em suas respectivas sociedades e contextos plurais.

No que tange ao caráter e a composição da obra, José (2011) afirma que as biografias plutarqueanas ou as *Vidas Comparadas*, como também são conhecidas, manifestam uma espécie de padrão em sua estrutura, iniciando sempre com a biografia de um grego, posteriormente a de um

romano e, finalmente, uma breve comparação entre ambos. “Dentro desta comparação, o escritor grego preocupava-se em confrontar e, até mesmo, em equiparar os feitos e valores dos homens romanos e gregos, emitindo suas próprias concepções” (JOSÉ, 2011, p. 54).

Ao relatar a vida de seus escolhidos, Plutarco comparou as ações das suas personagens por meio de diferentes exemplos de seu caráter exaltando e aumentando as suas virtudes, fazendo com que no embate entre os exemplos e contraexemplos, os exemplos prevalecessem tornando seus personagens uma espécie de esteios a serem seguidos por governantes de gerações posteriores, como nos corrobora em sua análise a antiquista Semíramis Corsi Silva (2014).

O grego que escrevia sobre romanos e os comparava com seus compatriotas nos traz uma riqueza cultural muito grande de seu mundo, cuja hegemonia pertencia a Roma, mas convergia culturalmente, socialmente, religiosamente com o universo grego. Sem abandonar sua ligação com a Grécia e, sobretudo, para reforçar este laço, como quem necessitava desta ressalva para fazer sua cultura sobreviver, Plutarco traz para o mundo romanizado os exemplos de líderes da Hélade que marcaram gerações, agindo em nossa visão, não como um intermediador cultural, mas sim como um intelectual que pretendia exaltar sempre o passado grego que, em sua visão, era um valioso guia que caso fosse seguido pelos líderes de Roma alteraria positivamente os rumos daquela sociedade.

Por meio das análises da supracitada Maria Aparecida Silva em sua discussão sobre “*Plutarco e a Segunda Sofística*”, a historiadora nos demonstra que através de seus escritos Plutarco dissimulava seu principal objetivo, que consistiria em uma reivindicação de mudanças na política romana em relação às políticas aplicadas aos territórios conquistados. Ora, como já informado aqui, Plutarco era cidadão de Queroneia e viveu sob a égide do governo Romano em sua cidade. É a posição de dominado por parte do nosso autor que não o permitia redigir um texto explicitamente contrário às ações imperiais, freando de certo modo uma maior tonalidade de agressividade em seus registros (SILVA, 2006). Em relação à autoridade de tal autora nas discussões historiográficas, reconhecemos a posição de subalterno de Plutarco como um súdito do império, entretanto, em nossa visão isso não diminui a capacidade de relativa autonomia de Plutarco mediante o mundo social a qual estava submerso e os campos de poder aos quais transitava. O autor insistia através das metáforas das biografias comparadas, em apresentar suas críticas e formulações em relação ao futuro do Império cujo qual ele também fazia parte.

Na sequência de seu raciocínio, Silva (2006) nos corrobora para visualizar como Plutarco, através de escolhas de palavras bem elaboradas, tecia seus comentários e expunha suas opiniões sobre questões que desaprovava na administração imperial do governo de Trajano. É por intermédio de palavras, previamente selecionadas, dirigidas aos reis e generais que Plutarco manifestava suas desaprovações à política imperial romana.

Plutarco procura persuadir o imperador a ler a sua obra mediante os seguintes argumentos: ‘Aqui, penso que suas palavras, colecionadas em separado, são amostras também fundamentais de aspectos da vida que não lhe tomarão tempo e poderás rever, com brevidade, os homens de valor para a memória. (SILVA, p. 259, 2006).

Por esta passagem podemos concluir que Plutarco permite transparecer suas queixas políticas; e, nesse caso, ao escrever para Trajano que era o representante de todo o império de então, o autor beócio utilizou-se de seu capital simbólico construído ao longo de sua trajetória marcada pela aquisição de relações íntimas com a elite romana para realizar um sutil convite de rememoração ao rei.

Em nossa leitura, a manifestação de sua visão em relação ao imperador só pode ser concebida da maneira como nos corroborou, em suas análises, o historiador Laurindo Mekie Pereira, que, resguardado pelo pensamento de Bourdieu (2007), nos lembra que alguns intelectuais parecem, em determinadas circunstâncias, usufruir de uma autonomia considerável em relação ao mundo social – ou, parafraseando o teórico mencionado, tais intelectuais assumiriam significativa relevância dentro de determinado campo que seriam capazes de não só influenciá-lo como promover profundas mudanças nele (BOURDIEU, 2004, p. 22-23 apud PEREIRA, p. 74, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos concluir que a presença do intelectual e a sua atuação política durante a Antiguidade Romana é exprimida por intermédio das construções e difusões de escritos que permaneceram, mesmo com o passar do tempo, demonstrando o quanto a discussão sobre o modelo de *princeps* ideal para o período do Principado foi constante preocupação que atingiu os mais diversos atores políticos das mais distintas vertentes, fosse de apoio ou oposição ao império.

De tal modo os intelectuais antigos se esforçavam para difundir suas ideias e princípios políticos através de informações que se conectavam com uma comunidade receptiva destes discursos. Essa comunidade, que aqui podemos chamá-la de audiência, é parte de uma elite que acompanhavam de perto as propostas de exaltação e de busca da manutenção do poder imperial, sendo que este poder recebia críticas e sugestões de como seguir governando de maneira ideal, sempre almejando o pleno desenvolvimento e progresso de Roma.

REFERÊNCIAS

Fontes:

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. São Paulo: Paumape, 1992.

PLUTARCO. **Alexandre o Grande**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2004.

Bibliografia geral:

ARAÚJO, Sonia Regina R. de; ROSA, Claudia Beltrão da; JOLY, Fábio Duarte (Org). **Intelectuais, poder e política na Roma Antiga**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo Introdução a Plutarco. In PLUTARCO, SUETÔNIO. **Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 131 – 135.

JOSÉ, Natália Frazão. **A construção da imagem do imperador Augusto nas obras de Velúcio Patérculo, Plutarco e Suetônio**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2011.

LIPAROTTI, Renan Marques. Estudo Introdutório. In: PLUTARCO. **A Fortuna e a Virtude de Alexandre Magno**. Coimbra: Annablume Editora, 2017, p. 9-31.



PAPA, Amália Helena. **A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua visão condenatória aos Eunomianos (360-394 D.C.)**. 2014. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2014.

PEREIRA, Laurindo Mekie. OS INTELLECTUAIS E SEUS DILEMAS: uma análise sobre a intervenção de António Sérgio e Gilberto Freyre no debate político luso-brasileiro. **ANAIS do X Simpósio Estado e Poder: Estado Ampliado** • 2018 • p.64-77.

SILVA, M.A.O. **Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas**. São Paulo: Editora EDUSP, 2006.

_____. **Plutarco e a Segunda Sofística**. *Revista Classica* • 2006 • p.257-264, Universidade de São Paulo, Brasil.

SILVA, Semíramis Corsi. **O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da vida de Apolônio de Tiana**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, p. 231-270.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues; TAVARES, André Luiz Cruz. Intelectualidade, culturas políticas e as representações do poder senatorial na Roma Antiga. In: CARVALHO, Margarida Maria de; FUNARI, Pedro Paulo, JOSÉ, Natália Frazão (Orgs). **Diversidades Epistemológicas**. Curitiba: Ed: Prismas, 2017, p. 103 – 132.

SWAIN, S. Plutarch's Moral Program. In Plutarch's **Advice to the Bride and Groom and a consolation to his wife**. Oxford: University Press, 1991, p. 85-96.

ZIEGLER, Vanessa. **Plutarco e a formação do governante ideal no principado Romano uma análise da biografia de Alexandre**. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

Recebido em: 27/04/2022 / Aprovado em: 31/08/2022